

A experiência de trabalho da equipe de Psicologia com os recuperandos da APAC Santa Luzia em tempos de distanciamento social

André Vieira Magalhães¹

Laura Onisto Machado Pereira²

Gabriela Jardim Villefort³

Hélio Cardoso de Miranda Júnior⁴

Maria Carmen Schettino Moreira⁵

RESUMO

O presente texto é o relato de experiência da equipe de Psicologia que participa do projeto (A)penas Humanos na APAC de Santa Luzia. Faz-se o relato descritivo básico das atividades realizadas em 2019, já instituídas na história da participação da Psicologia na APAC, e as mudanças que foram introduzidas nessas atividades em 2020, em função da pandemia e da impossibilidade de presença física dos extensionistas na instituição. Descreve-se a produção de material utilizado com o objetivo de manter uma forma de diálogo com os recuperandos por meio de vídeos preparados pela equipe na interface entre Psicologia e arte e enviados a eles. Os vídeos demandavam resposta dos recuperandos, enviadas por eles à equipe por via de cartas. Trata-se de material rico, que permitiu a continuação do diálogo por meio da produção de novos vídeos. Constatou-se que essa metodologia não substitui efetivamente as atividades anteriores à pandemia, que permanecem necessárias, mas pode ser uma alternativa importante na continuidade da ação específica da Psicologia, isto é, possibilitar espaço de reflexão pessoal e endereçamento à escuta.

Palavras-chave: Psicologia. Distanciamento social. APAC.

La experiencia laboral del equipo de psicología con los prisioneros de APAC Santa Luzia en tiempos de distanciamiento social

RESUMEN

El presente texto es el relato de experiencia del equipo de psicología que participa en el proyecto Human Feathers en APAC Santa Luzia. Primero, describe básicamente los realizados en 2019, ya establecidos en la historia de la participación de la psicología en APAC, y los cambios que se introdujeron en estas actividades en 2020 debido a la pandemia y la imposibilidad de presencia física de alumnos en el institución. Se describe la producción de material cuyo objetivo fue mantener una forma de diálogo con los internos a través de videos producidos por el equipo en la interfaz entre psicología y arte y enviados a ellos. Los videos solicitaron respuestas de los sujetos, y estas respuestas fueron enviadas por ellos al equipo a través de cartas. Es un material rico y permitió la continuación del diálogo a través de la producción de nuevos videos. Se encontró que esta metodología no reemplaza de manera efectiva las actividades previas a la pandemia, que siguen siendo necesarias, pero puede ser una alternativa importante para continuar la acción específica de la psicología, que es brindar un espacio de reflexión y escucha personal.

Palabras-clave: Psicología. Distanciamiento social. APAC.

¹Graduando da Faculdade de Psicologia da PUC Minas *campus* Coração Eucarístico. E-mail: avmagic99@gmail.com.

²Graduanda da Faculdade de Psicologia da PUC Minas *campus* Coração Eucarístico. E-mail: lauraonisto1@gmail.com.

³Graduando da Faculdade de Psicologia da PUC Minas *campus* Coração Eucarístico. E-mail: gabrielajvillefort@gmail.com.

⁴Dr. em Psicologia Clínica (USP). Professor da Faculdade de Psicologia da PUC Minas *campus* Coração Eucarístico. E-mail: mirandahelio@yahoo.com.br.

⁵Especialista em Psicologia Escolar e Educacional (PUC). Professora Assistente IV da Faculdade de Psicologia da PUC Minas *campus* Coração Eucarístico. E-mail: mcsm14@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

A presença da Psicologia nas unidades da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) se concretiza por vieses diferentes ao longo dos anos de trabalho com os recuperandos. Com um olhar que preza pela ética e pelo tratamento humanizado, o desenvolvimento de atividades coletivas e individuais objetiva propiciar um espaço de acolhimento e de escuta diferenciados a sujeitos que, devido às suas experiências, carregam histórias, dores e demandas singulares. Em cada encontro, deparamo-nos com o novo, com o imprevisível, com a possibilidade de criação e de ruptura do ciclo de reprodução de hábitos encarnados em um sistema penitenciário que violenta o indivíduo e o coloca em uma posição passiva de submissão. Afinal, qual é a função da(o) psicóloga(o) dentro do sistema carcerário se não contribuir para o rompimento de estigmas sociais e culturais opressivos que mantêm a lógica da reincidência?

O método APAC foi criado em 1972, por Mário Ottoboni, envolve um modelo alternativo às prisões tradicionais e tem, como objetivo, promover a humanização dentro do cárcere, sem perder a finalidade punitiva da pena. A diminuição da reincidência no crime é sempre almejada nesse modelo; por isso, a reintegração e a reinserção do convívio social do recuperando norteiam todas as atividades e os modos de funcionamento do sistema. A APAC é uma instituição que tem a religião como um dos pilares de seu método, e atividades religiosas estão incluídas no cotidiano dos recuperandos. Trata-se de “um método de valorização humana, portanto de evangelização, para oferecer ao condenado condições de recuperar-se, logrando, dessa forma, o propósito de proteger a sociedade e promover a justiça.” (OTTOBONI, 2001, P. 29). Além disso, o método possui outros dez elementos fundamentais: a participação da comunidade; o trabalho; a ajuda mútua entre os recuperandos; a assistência jurídica; a assistência à saúde (psicológica, odontológica, física, dependência química); a valorização humana; o mérito; o educador social e cursos para sua formação; centro de reintegração social; a jornada de libertação com Cristo.

O projeto de extensão (A)penas Humanos tem como objetivo “contribuir para a efetivação e aperfeiçoamento da política pública do método APAC, integrando-se à rede intersetorial de atendimento ao sentenciado em cumprimento da pena privativa de liberdade” (PROEX, 2021), por meio de várias frentes. Os cursos da PUC Minas que realizam trabalhos no âmbito das APAC são: Ciências Biológicas, Direito, Enfermagem, Filosofia, Fisioterapia, Letras, Psicologia e Publicidade e Propaganda – cada um à sua maneira, dentro de suas possibilidades de intervenções. Esse apoio da extensão da faculdade tem contribuído muito para o aprimoramento do método e para o bem-estar dos recuperandos do sistema envolvidos no projeto.

2 METODOLOGIA: ANTES E DURANTE A PANDEMIA

Desde a criação do projeto de extensão e da entrada dos estudantes de Psicologia no Projeto (A)penas Humanos até o segundo semestre de 2019, nas visitas semanais presenciais dos extensionistas do curso de Psicologia à APAC Santa Luzia, realizavam-se três tipos de intervenção. A primeira delas estava relacionada aos atendimentos com os recuperandos que demandavam a escuta individual. A cada extensionista era(m) designado(s) um ou dois recuperandos que se tornava(m) “paciente(s)” recorrente(s) durante todo o semestre. Cabe pontuar que, logo no início do processo de atendimento, era esclarecida ao recuperando a importância do sigilo em relação àquilo que era dito ao estudante, de acordo com o Código de Ética do Psicólogo, sendo material que poderia fazer parte da supervisão de atendimento a cargo dos professores responsáveis pelo acompanhamento do projeto, porém não seria compartilhado com a instituição e nem com seus representantes. Esse ato era de extrema importância, já que auxiliava na construção da confiança entre extensionista e recuperando, contribuindo assim para que o indivíduo se sentisse mais à vontade para compartilhar temas relacionados à sua angústia e à sua intimidade, que tipicamente são objetos do trabalho de atendimento e escuta no campo psicológico. Os temas relatados durante os atendimentos tinham enorme variedade, como relacionamentos conjugais, atividades que eram praticadas dentro da APAC para a remissão da pena e conjecturas sobre “como será o mundo quando eu estiver lá fora”.

O plantão psicológico também se tornou uma das principais metodologias norteadoras para o trabalho dentro da instituição. Diferentemente do atendimento individual, essa prática era realizada de maneira pontual, também visando à escuta e ao acolhimento dos recuperandos, mas sem o compromisso prévio da realização de atendimentos semanais. Nessa perspectiva, um ou mais extensionistas se colocavam à disposição para que, a qualquer momento, os recuperandos pudessem iniciar um diálogo pontual a respeito do que desejassem expressar pelo tempo que sentissem necessidade.

Outra importante dinâmica desenvolvida pela Psicologia dentro da APAC foi a roda de conversa, que também acontecia todas as semanas e era aberta a todos aqueles que se interessassem em participar. Para essa prática, no início do semestre, era solicitado aos recuperandos que selecionassem alguns temas que gostariam de discutir em grupo e que os anotassem em pedaços de papéis. Esses papéis eram guardados e deveriam ser sorteados ao longo do semestre com o objetivo de despertar o debate entre os indivíduos ali presentes. O interessante dessa prática era perceber como alguns dos temas colocados no começo do semestre pelos indivíduos, mas selecionados no final, já não mais lhes interessavam e não possibilitavam nenhum tipo de diálogo. Com isso, em alguns encontros, os temas eram escolhidos no próprio momento em que os recuperandos compareciam para

participar da atividade. Por exemplo, no mês de setembro de 2019, o chamado “Setembro Amarelo”, eles optaram por discutir sobre o tópico e trouxeram relatos de experiências próprias que vivenciaram com colegas e com parentes.

Contudo, quando foram retomadas as atividades em março de 2020, aconteceu a oficialização do comunicado da Organização Mundial da Saúde sobre a pandemia e as atividades presenciais foram interrompidas, tanto na universidade quanto na própria APAC Santa Luzia. Não foi possível realizar as atividades instituídas em função da incerteza quanto às questões sanitárias e do período de adaptação pelo qual os projetos de extensão tiveram de passar.

Após o período de recesso escolar, os trabalhos do projeto de extensão (A)penas Humanos foram retomados no segundo semestre de 2020, com a primeira supervisão sendo realizada em 9 de setembro do mesmo ano, através da plataforma *Teams*. Era preciso dar continuidade às atividades propostas para a Psicologia no projeto de extensão, porém sem a possibilidade da presença física dos estudantes na instituição universitária e na prisional. Frente a esses desafios, e em continuidade aos debates que vinham sendo realizados entre os estudantes e professores do curso de Psicologia participantes do projeto, optou-se por manter uma perspectiva que pudesse preservar a palavra que circula entre os extensionistas e os recuperandos, mesmo a distância. Assim, decidiu-se pela aproximação entre a Psicologia e a arte, no intuito de produzir um material audiovisual que lhes fosse exibido, que os incitasse a se posicionarem em relação a ele, e que os motivasse a enviar para a equipe suas observações e inquietações por escrito.

A ideia da produção de vídeos surgiu em diversos projetos que compõem a atuação da PUC Minas na APAC Santa Luzia. Porém, a perspectiva da equipe de Psicologia seria a de não restringir o vídeo à informação ou à transmissão de conhecimento específico, em um caminho unilateral, mas a de compor um material que criasse a possibilidade de resposta dos recuperandos.

A ideia foi aproximar a linguagem da Psicologia / da Psicanálise à artística, de forma que o material pudesse provocar os recuperandos, tomados como sujeitos (nas várias acepções desse termo), a responder a partir do jogo significativo que a linguagem poética cria na articulação das palavras em um poema, na articulação de imagens e na combinação entre elas. Isso visava a criar espaço entre os sentidos estabelecidos, a possibilitar momentos de subjetivação, de expressão singular no jogo com o imponderável que compõe a existência humana. Assim, a escolha do material que compôs os vídeos teve, como orientação, a perspectiva de provocar o movimento de cada um dos recuperandos por meio daquilo que pudesse ter sido tocado pelo material. A demanda por resposta que finalizou os vídeos implicou também que eles pudessem escrever. O ato de escrever é uma das possibilidades de jogar com o sentido das palavras, com as memórias que nos constituem e que não sabemos, de

surpreender o Eu com aquilo que ele mesmo produziu. O autor surge no espaço de estranheza, no intervalo vazio entre dois significantes que acende o desejo (MORAIS, 2006).

Como diz Moraes (2006), o poema não reproduz o dizível, ele cria o dizível no intervalo entre a pulsão e a representação, entre o corpo e o simbólico, intervalo que Freud chama de desamparo. É nesse intervalo que o ser humano cria. Conforme Freud (1908/1980), o poema sabe mais que quem o escreve. Não se trata de esperar que surjam autores de textos poéticos ou artísticos, mas de compreender que o texto de cada um remete o sujeito para a autoria de seu percurso na articulação entre a demanda e o desejo com as questões que o enredam na vida:

Se o poeta existe é necessário um leitor que o faça existir e a quem o poema se dirija. O leitor anônimo lerá o poema e nele falarão vozes além das que o poeta foi porta-voz, falarão vozes de antepassados, de avós, de mães, de babás, de tradições culturais, de suas fantasias inconscientes e, a cada leitor, o poema tocará de uma forma singular, nesta singularidade semelhante ao cavar de um poço, cada vez a embrenhar-se mais terra adentro, até que num determinado instante jorre água – sinal de haver-se encontrado o lençol universal comum a todos os outros poços individuais. Uma singularidade, um estilo a enlaçar o corpo social, e formar nos sujeitos um vínculo sublimatório em comum com o objeto que se perdeu. (MORAIS, 2006, p. 53).

Assim, o conteúdo dos vídeos foi construído com materiais ligados à arte, como poemas, filmes de curta-metragem, músicas, entre outros, com o objetivo de propiciar aos recuperandos um momento de reflexão e de resposta. Durante a estadia na APAC, estes estão sujeitos a rígida disciplina e rotina, e são raros os momentos em que podem subjetivar de forma singular sua experiência (como acontecia nos atendimentos individuais e nas rodas de conversa), pois, normalmente, a rotina está entrelaçada à importância de se dedicar ao trabalho de recuperação pessoal para reinserção social e ao discurso religioso que sustenta a instituição. A ideia de trabalhar com a interface entre Psicologia/psicanálise e arte visa a proporcionar esse momento a eles:

O processo construtivo que a atividade artística proporciona é diferente de outras formações e informações; a arte é a formação do interior do homem, é a emoção que ouve a voz do coração, é a humanização. Ela é tão importante para o crescimento e desenvolvimento do ser humano quanto a alimentação, a escola, a religião, etc. (RODRIGUES, 2020, p. 5).

3 O DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE OS RECUPERANDOS DA APAC E A EQUIPE DE PSICOLOGIA

O primeiro vídeo, com três minutos de duração, produzido para a APAC Santa Luzia, foi uma apresentação dos professores e de todos os extensionistas. Nele, foi pedido aos recuperandos que nos

enviassem, através de cartas, bilhetes, frases ou palavras, os temas ou assuntos que gostariam que fossem abordados por nós. O roteiro finalizava da seguinte forma:

Nosso trabalho com vocês é uma continuidade daquele que começou há alguns anos e que pretende oferecer ajuda às pessoas que cumprem pena na APAC. Nesse tempo de pandemia, precisamos fazer de uma forma diferente. Vamos produzir vídeos e enviar para a APAC. Por isso, este trabalho depende de vocês, do que vocês querem saber e do que precisam falar. Então a gente espera que vocês possam enviar para nós os temas ou assuntos que gostariam de ver tratados por nós da Psicologia. Pode ser por carta, por bilhete, pode ser até uma frase ou uma palavra. Nós aguardamos essas mensagens, nós aguardamos as suas mensagens. Muito obrigada. Um abraço e até mais.

Como resposta ao primeiro vídeo, recebemos, em setembro de 2020, diversas cartas nas quais os recuperandos escreveram livremente sobre o que estavam sentindo naquele momento e sobre diversas questões que os estavam afligindo. Variados assuntos vieram à tona por meio destas, como questões sobre abandono, rotina prisional, espiritualidade, sono, ansiedade, depressão, preocupações com a família, isolamento, entre outros. Porém, dois temas estiveram muito presentes e nos chamaram a atenção. Foram os relacionados ao abandono e ao isolamento.

Por causa da pandemia de COVID-19, as visitas às APAC foram canceladas, e isso parecia afetar diretamente os recuperandos do sistema, que ficaram impossibilitados de ver seus familiares e amigos(as). Diante disso, materiais que remetiam a esses temas foram procurados e selecionados pelos extensionistas, como imagens, curtas-metragens, vídeos de diversos tipos disponíveis na internet, músicas, poemas e frases, entre outros. Tinha-se a preferência por materiais que não oferecessem respostas prontas, como citado anteriormente, mas que fossem abertos a interpretações e atribuições de sentido pelos recuperandos.

Após muitas discussões nas supervisões, ficou decidido que um vídeo do poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade, interpretado por Sílvia Matos⁶, seria enviado aos recuperandos. No vídeo, o ator interpreta um morador de rua que declama a poesia para a famosa estátua do poeta que se encontra na praia de Copacabana. Esse material foi escolhido porque se entendeu que permitiria reflexões e interpretações pessoais, inclusive por ser um poema composto por muitas perguntas e nenhuma resposta.

O vídeo produzido pelos extensionistas durava cinco minutos, com uma pequena introdução, na qual foram colocadas duas pinturas (imagens) referentes ao tema do abandono. Em seguida, foi inserido o vídeo do poema mencionado e, ao final, propunha-se que os recuperandos escrevessem sobre o poema e enviassem as produções aos participantes do projeto. É importante destacar que, em todos os vídeos, o roteiro introdutório e o roteiro final foram criados pela equipe de Psicologia e

⁶ O referido vídeo se encontra no YouTube, no canal do próprio ator: <https://www.youtube.com/watch?v=TTWEpp1s5Ps>

narrados por um dos participantes da própria equipe. O roteiro final desse primeiro vídeo dizia o seguinte:

E agora, você? Se desejarem, escrevam e nos enviem suas reflexões sobre o poema. Vamos receber e ler com toda a atenção. Toda e qualquer forma de expressão é válida à escuta psicológica. Pode ser até mesmo um desenho ou uma única palavra. Nós iremos dar continuidade a esse processo de comunicação através do envio de novos vídeos e produções. Obrigada e até mais!

Aguardamos que os recuperandos enviassem suas respostas para a equipe; porém, isso não aconteceu imediatamente. Então, decidiu-se produzir um segundo vídeo para os recuperandos, tendo como orientação as demandas enviadas por eles a partir do vídeo de apresentação e, como guia da seleção e produção do material, a ideia – estabelecida como norte e citada acima – de provocar e produzir reflexões e interpretações pessoais. Após vários debates, busca e seleção de material, optamos por apresentar a eles o documentário ficcional de curta-metragem “Ilha das Flores”⁷.

Da mesma forma que no anterior, produzimos um roteiro no qual havia um texto introdutório e um texto de finalização. O vídeo completo possui catorze minutos de duração. Dessa vez, o texto introdutório foi mais elaborado. Dizia o seguinte:

Ser humano é ser diferente. Mesmo que pareça óbvio dizer isso, nós não somos como os outros seres vivos. A gente tem valor e dá valor às pessoas e às coisas que são nossas. Dá valor à vida. Não é simplesmente um preço, como se a gente pudesse contabilizar o que vale uma vida. É o valor da dignidade. É um valor que não tem preço e não pode ser comprado ou vendido. Por isso, trouxemos um pequeno filme sobre o valor da dignidade. Esperamos que seja interessante para vocês.

Ao final, nosso vídeo falava: “Então, o que acharam do filme? Digam para nós. Continuamos aqui esperando pelas respostas de vocês”.

O segundo vídeo foi enviado à APAC em novembro de 2020, e a equipe de Psicologia não recebeu as respostas dos recuperandos sobre os dois vídeos antes do fim do período de funcionamento do projeto, que corresponde ao período letivo. Em função disso, realizamos um pequeno vídeo final, despedindo-nos das atividades em função do final do período letivo e anunciando a retomada no ano seguinte.

Em março de 2021, com a retomada das atividades de extensão, recebemos oitenta cartas enviadas pelos recuperandos como respostas ao primeiro vídeo. As cartas e bilhetes possuíam estilos muito diversos, desde poemas a simples frases. Alguns temas/ideias se repetiram no discurso dos

⁷ *Ilha das Flores* é um pseudodocumentário de curta-metragem brasileiro de 1989, dirigido por Jorge Furtado e produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre, com apoio da Kodak do Brasil, Curt-Alex Laboratórios e Álamo Estúdios de Som. O documentário pode ser encontrado completo em diversos canais do YouTube.

recuperandos. Podemos destacar, entre eles – utilizando palavras que não reproduzem exatamente as nas cartas, mas que podem nos orientar em relação à diversidade do material –, ideias e noções como desamparo, abandono, religiosidade, tempo perdido, importância dos laços sociais. Passamos então à leitura desse material e ao debate nos dias de supervisão.

As ideias destacadas acima trouxeram algumas questões que foram essenciais para pensar a produção de um novo material. O frequente registro do “desamparo” e a também frequente representação de Deus como “amparo” guiou os extensionistas e os supervisores a buscarem ferramentas teóricas que ampliassem essa noção. Dessa forma, pensar sobre o conceito psicanalítico de “desamparo originário” nos remeteu à representação da importância do outro/colega/amigo nos laços estabelecidos na vida, pois “o outro é não só anterior ao eu, mas é a sua condição de possibilidade.” (MOREIRA, 2004, p. 116). Assim, existir e atuar no mundo só são possíveis coletivamente, pois é estando com o outro – tão semelhante e por vezes tão diferente – que o ser humano tem a noção de acolhimento.

Nesse sentido, foi produzido um vídeo sobre o tema “com o que/quem posso contar?”. A partir dessa ideia e da abordagem psicanalítica, os extensionistas elaboraram a pergunta “quais os laços possíveis na realidade concreta?” para suscitar a realização do material. O vídeo foi produzido com algumas frases selecionadas pelos extensionistas. A proposta pensada a partir da escolha dessas frases foi ampliar a noção de amparo para incluir, além do aspecto religioso, os laços que nos unem aos outros (pessoas e instituições), o que implica até mesmo a dificuldade de se amparar no outro e a importância de confiar e de conseguir contar consigo mesmo. Portanto, escolheram-se frases que, reunidas em sequência, mostram mensagens ambíguas.

O material foi composto por um momento introdutório com o seguinte texto pronunciado por uma extensionista: “Oi, pessoal, tudo bem com vocês? Então, estamos aqui com mais um novo vídeo para vocês e, nele, nós decidimos falar algumas frases inspiradas nas cartas que vocês enviaram para a gente sobre o poema ‘E agora, José?’. Esperamos que vocês gostem”.

Em seguida, foram recitadas oito frases por extensionistas diferentes. Foram elas: “Melhor do que ter para quem contar, é ter com quem contar”, “O cúmulo do abandono não é poder contar com ninguém, mas sim, não poder contar consigo mesmo”, “Quem caminha sozinho, pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”, “No fundo, no fundo... só podemos contar com nós mesmos. Essa é a realidade na sua dura plenitude”, “Presente de verdade é ter com quem contar”, “Nós nunca sabemos se realmente podemos contar com quem achamos que podemos contar”, “Aonde quer que você vá, apenas se lembre de que você tem um lar agora e sempre”, “Quando sentir vontade de contar um segredo a alguém, escreva em um papel, mastigue e

engula”. Ao final, uma extensionista finaliza dizendo: “Então, pessoal, queremos saber o que vocês acharam dessas frases. No fim das contas, com quem podemos contar? Até mais”.

Esse material teve duração total de um minuto e trinta segundos e foi enviado no começo de junho de 2021.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, é possível constatar a relevância do Projeto (A)penas Humanos para a comunidade acadêmica na formação profissional e pessoal dos extensionistas, bem como a importância das intervenções psicossociais com os recuperandos da APAC. Nesse sentido, percebe-se que as mudanças em cada sujeito no processo de reintegração e reeducação se manifestam de maneira singular a partir de práticas que visam a possibilitar momentos de reflexão e de ressignificação. Assim, tanto as atividades realizadas pelos extensionistas quanto aquelas impostas pela própria instituição, apoiam-se na ideia de proporcionar ao recuperando oportunidades de construir caminhos mais humanizados rumo ao retorno ao convívio em sociedade. “[...] refletir, trabalhar sobre as condições concretas de vida que determinaram sua maneira de ser e de viver, ressignificar o passado, compreender, pode ser uma possibilidade de mudanças, pode abrir uma brecha para a transformação, de si e das condições materiais de existência” (BARROS, 2009, p. 100).

O trabalho realizado pela Psicologia na APAC Santa Luzia através do projeto de extensão (A)penas Humanos tem sido uma experiência muito enriquecedora na formação dos extensionistas. Com a pandemia de Covid-19, foi necessário reinventar as atividades antes propostas, o que possibilitou o contato com outras formas de atuação dentro da Psicologia, um pouco diferentes das tradicionais. O envio de materiais audiovisuais, tendo diversos tipos de arte como conteúdo, proporcionou aos extensionistas a percepção sobre as possibilidades que a arte possui de fazer o ser humano entrar em contato consigo mesmo e se conhecer melhor, inclusive nesse contexto de privação de liberdade:

O contato com as linguagens artísticas [...] pode conduzir o homem, inclusive aquele que cometeu crimes, ao retorno às raízes humanas mais profundas de suas memórias. A partir desse momento, o aluno preso é capaz de rever seus valores éticos e morais, tendo conhecimento para reconstruir sua identidade. (RODRIGUES, 2020, p. 15).

Os materiais recebidos como resposta pela equipe de Psicologia confirmam isso. A arte pode ser extremamente potencializadora e provocar o contato com novas vivências, experiências, realidades, formas e maneiras diferentes de enxergar o mundo. A linguagem artística possibilita a

libertação da realidade psíquica, mesmo que fisicamente os recuperandos estejam privados de liberdade. Ao instigar a criatividade e resgatar memórias de cenários já vividos, a arte atribui às experiências deles um olhar que busca desconstruir o estigma opressor de uma identidade marginalizada.

Mesmo tendo a proposta de ser um ambiente mais humanizado, a APAC compõe o sistema prisional e, por isso, reproduz em alguns aspectos a ideia de instituição total, o que afeta a subjetividade dos sujeitos submetidos a esse sistema, como aponta Erving Goffman (2001). A justificativa para as penas de privação de liberdade está na suposta reeducação e recuperação que essas instituições podem fornecer ao indivíduo; porém, cabe à Psicologia ter uma visão crítica em relação a essa proposta. Como afirma Sabadell (2009), “as prisões modernas servem como ‘depósito’ temporário de pessoas. Não se trata mais de uma sociedade disciplinar, no sentido afirmado por Foucault. A disciplina não objetiva ‘educar’ aquela pessoa que ingressa na prisão, mas somente manter a ordem” (SABADELL, 2009, p. 34). Portanto, a Psicologia tem, dentro das APAC, o compromisso ético de criar espaço aos recuperandos para a reflexão e transformação de cada indivíduo, como uma tentativa de amenizar possíveis sofrimentos decorrentes da condição de privação de liberdade.

As atividades de 2020 e 2021 aqui descritas não substituem as já instituídas no trabalho da Psicologia na APAC que aconteceram até 2019, porém, constata-se que a produção de material dialógico da forma como foi descrita anteriormente pode ser uma maneira de manter o espaço de reflexão e de interpretação pessoal para os recuperandos, desde que se mantenha também a possibilidade de que eles enderecem suas respostas para que alguém os escute.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Vanessa. Para que servem as prisões? In: OLIVEIRA, Rodrigo; MATTOS, Virgílio (org.). **Estudos de Execução Criminal: Direito e Psicologia**. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, p. 95-105, 2009.
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1908-1980.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-56, set. 2006.
- MOREIRA, Jacqueline. A alteridade como experiência originária: o desamparo. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p.107-123, 2004.
- OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o criminoso? Método APAC**. São Paulo: Paulina, 2001.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (PROEX). Projeto de extensão: programa (A)penas Humanos: ações interdisciplinares no âmbito da APAC., Belo Horizonte. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/proex/index-link.php?arquivo=projeto&nucleo=0&codigo=405&pagina=4896>. Acesso em: 6 jun. 2021.

RODRIGUES, Janilce. Educação e teatro na cadeia: práticas pedagógicas realizadas no Sistema Penitenciário da Papuda/DF. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-18, 2020.

SABADELL, Ana Lucia. Algumas reflexões sobre as funções da prisão na atualidade e o imperativo de segurança. In: OLIVEIRA, Rodrigo; MATTOS, Virgílio (org.). **Estudos de Execução Criminal: Direito e Psicologia**. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça de Minas Gerais, p. 29-36, 2009.